

Ler no celular: perspectivas e apontamentos para práticas de leitura em dispositivos móveis¹

Taynée Mendes VIEIRA²

Márcio Souza GONÇALVES³

Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

A leitura digital hoje está presente em diversos dispositivos e suportes. Com a onipresença dos telefones celulares nos dias atuais, é cada vez mais frequente ler neste ambiente de tecnologia móvel. O presente artigo pretende apresentar alguns apontamentos sobre o fenômeno da leitura de livros em celular tipo *smartphones*, procurando detectar novas práticas de leitura e a influência do meio na experiência dos leitores. Traçando um panorama das principais teorias sobre tecnologias de comunicação e a cultura letrada (Havelock, McLuhan, Ong, Goody), bem como revisando o pensamento de autores da história do livro (Chartier, Lyons), discute-se a leitura de livros em celulares do ponto de vista do leitor, a partir de um relato desta experiência publicado em um blog sobre o mercado de livros digitais.

PALAVRAS-CHAVE: interfaces comunicacionais; história do livro; leitura digital; leitura em celular; editoração.

Introdução

O desenvolvimento das tecnologias digitais, iniciada no final do século XX, tem influenciado e reconfigurado inúmeras áreas e atividades, especialmente as relacionadas ao campo da Comunicação. Com as novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), nos relacionamos de forma diferente, absorvemos e transmitimos informações de outra maneira. Ao pensarmos no universo do livro impresso e nos recentes formatos digitais, passamos necessariamente pela figura do leitor e sua relação com o objeto “lido”.

Com o surgimento dos livros eletrônicos e seus suportes de leitura, os *e-readers*, muito foi falado sobre o fim do livro impresso. Em termos de leitura, é do senso comum

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

² Mestranda no programa de pós-graduação em Comunicação da UERJ, email: taynee.mendes@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do programa de pós-graduação em Comunicação da UERJ, email: mmsg@uerj.br

argumentar que com a atual onipresença dos *smartphones* dedicamos menos tempo à leitura. Mas ambiente digital é repleto de textos. Com os celulares, esta frase parece fazer ainda mais sentido: “Vivemos em um mundo submerso e infuso na palavra escrita” (Fischer, 2006, p.291). Ora, quando entramos em redes sociais, checamos mensagens, comentamos e compartilhamos, estamos interagindo com o mundo por meio da leitura. Mas seria uma leitura diferente?

Em meio a tanta informação, é difícil mensurar o que realmente chama atenção do internauta/leitor “distraindo” da contemporaneidade, que mal acorda, navega em mais de uma rede social, comenta, compartilha e lê. Na Internet, principalmente em dispositivos móveis, em geral, a leitura parece ser veloz, superficial e de memória curta. Ao que parece, estando conectado, preferimos consumir coisas rápidas, em pequenas parcelas de conteúdo, em vez de textos longos e densos. Fenômenos como a “buzzfeedização” do jornalismo e o chamado “textão” nas redes sociais parecem ser apenas sintomas do tipo de leitura que é feita em um ambiente digital.

Nesse ambiente conectado, há quem defenda a existência de certa dicotomia em termos de leitura. Carr (2011) traduz essa ideia a partir da metáfora do mergulhador (*diver*) e do surfista (*surfer*). Se o primeiro diz respeito ao leitor com alta capacidade de concentração, o segundo realiza uma leitura apressada e superficial. Com o acesso à Internet facilitado pela ampla utilização de telefones celulares, a leitura digital seja de notícias ou mensagens tem se tornado cada vez mais frequente. De acordo com uma pesquisa feita em 2014 com 940 executivos de diferentes países e áreas,⁴ 44% afirmaram procurar por notícias imediatamente ao acordar, e desses, 61% recorrem primeiramente a dispositivos móveis para consumir notícias (41% utilizam o celular e 20% o *tablet*). Para comparar, só 30% usam computadores, 4% o rádio, 3% publicações impressas e 2% a TV. Dessa forma, a leitura, como outras atividades, parece estar gradualmente migrando para o ambiente digital móvel.

Quem já tentou ler algum artigo mais longo no celular, percebe que a leitura geralmente é realizada no sentido vertical, seguindo a tendência das redes sociais. Aplicativos de leitura em aparelhos móveis como o Pocket⁵ permitem salvar matérias e artigos para leitura posterior em uma conta de usuário. O texto se adapta à tela que o usuário utiliza – computador, *tablet* ou celular –, permitindo configurações personalizadas de interface como cor de fundo, corpo e tipo de fonte. Outro aplicativo

⁴ Disponível em <http://insights.qz.com/ges/>. Acesso em 24 de abril de 2017.

⁵ Disponível em <https://getpocket.com/>. Acesso em 4 de abril de 2017.

que aposta na leitura vertical (*vertical scrolling*) é o Stela, destinado para a leitura de histórias em quadrinhos no celular.⁶

Desde sua aparição, em 1971, pode-se dizer a Internet “inaugurou” este tipo de leitura com a organização vertical de informações, principalmente devido à presença do código HTML como sua linguagem principal de programação. Com a chegada do computador pessoal e dos laptops, este formato de leitura se popularizou ainda mais, mas ainda não havia conexão confiável à Internet em qualquer lugar. Somente em 2007, quando os *smartphones* atingiram o mercado de massa, um maior número de pessoas poderia acessar à Internet com este dispositivo móvel. Assim, ler na tela se tornou uma tarefa mais confortável.

Ler um texto ou um livro em um celular é uma experiência totalmente diferente da experiência de leitura página a página, proporcionada pela invenção do códice nos primeiros séculos da Era Cristã e popularizada com a prensa de Gutenberg no século XV. Por isso, alguns autores⁷ sugerem que para compreender a atual leitura digital é preciso remontar à época anterior ao códice, ou seja, à época do livro em rolos, onde o texto era contínuo, sem divisões de páginas. No entanto, os primeiros leitores precisavam abrir o rolo lateralmente, “ao contrário do que ocorre nos processadores de texto contemporâneos, que convidam o leitor a rolar o texto para cima e para baixo na tela” (Lyons, 2011, p. 35).

Se na semelhança de leitura, o livro para celular remonta aos antigos rolos, no quesito disponibilidade, eles estariam mais próximos aos livros de bolso do século XX, que popularizam a leitura de livros na Europa por seu baixo custo. Há aplicativos específicos para leitura de livros em dispositivos móveis, como o aplicativo Kindle da Amazon, um dos mais populares. Diferente do leitor de livros eletrônicos de mesmo nome criado em 2007, o aplicativo permite baixar livros diretamente para o celular sem ter que comprar um leitor de e-books.

Livros digitais para celular

O desenvolvimento dos livros eletrônicos e dos aparelhos *e-readers* alimentou a ideia de uma biblioteca inteira ao nosso dispor em um pequeno aparelho com semanas de bateria portátil, à semelhança de um livro. No início, a tecnologia *e-ink* fazia

⁶ Disponível em <https://stela.com/> Acesso em 4 de abril de 2017.

⁷ Vandendorpe, 2009.

diferença por não emitir tanta luz ao proporcionar uma interface mais agradável à leitura, semelhante ao papel. No entanto, com a predominância de *smartphones* e *tablets*, até mesmo a leitura de livros parece transitar para esses aparelhos.

Em 2014, uma pesquisa realizada pela empresa Publishing Technology⁸ constatou que 43% dos consumidores no Reino Unido já leram um livro inteiro ou partes em seus celulares, e uma média de 66% dos leitores *mobile* disseram que atualmente leem mais no celular em relação ao ano anterior. Afinal, qual seria a utilidade de carregar um leitor como o Kindle, quando você pode instalar um aplicativo de e-books em seu celular, já que ele estará sempre com você?

Uma matéria de comportamento do site do *The Wall Street Journal*⁹ examinou esta nova prática de leitura. Com uma filha de colo, Andrew Vestal de 35 anos descobriu ser possível ler entre três e cinco da manhã com apenas uma mão, enquanto ninava a filha com a outra. Foi assim que leu o livro de ficção científica *The Bone Clocks* de David Mitchell de 624 páginas. Seu iPhone lhe proporcionou um tempo de leitura que do contrário não teria: lia em intervalos de reuniões, no almoço e ao andar pelo campus da Microsoft, onde trabalha em Seattle, nos Estados Unidos. Achava que ler em pequenas partes poderia deixá-lo confuso, mas ao fim aprovou a experiência. “Queria que a leitura fizesse parte da minha vida. Se esperasse pelo tipo de tempo que costumava ter, ficar sentado por cinco horas, não leria nada”, relata. Profissionais do mercado editorial norte-americano parecem concordar com esta nova prática de leitura. “O futuro da leitura digital será no telefone. Será no celular e no papel”, afirmou Judith Curr, editora da Simon & Schuster.

O crescimento da leitura em celular faz com que os editores repensem as maneiras pela qual os livros são produzidos, comercializados e distribuídos, com uma tela menor em mente. Há, porém, a preocupação de que a leitura concentrada possa ser interrompida com tantas notificações e alertas comuns aos aparelhos conectados na Internet. Um fator fundamental parece ser a conveniência. Se você está numa fila de banco e não tem um livro impresso, é grande a chance de carregar pelo menos um celular. E se o utilizamos para ler notícias ou mensagens, por que não utilizá-lo também para ler livros?

⁸ Disponível em <http://www.telegraph.co.uk/technology/mobile-phones/11146492/Nearly-half-of-UK-consumers-have-read-ebooks-on-mobiles.html> Acesso em 24 de abril de 2016.

⁹ Disponível em <https://www.wsj.com/articles/the-rise-of-phone-reading-1439398395> Acesso em 4 de abril de 2017.

Outro motivo é o tamanho das telas dos novos modelos de celular. Até os últimos modelos da Apple estão seguindo a tendência da tela maior.¹⁰ Desde o lançamento do iPhone 6 e 6 Plus, em 2014, mais pessoas estão baixando livros pelo aplicativo iBooks – agora 45% das compras no iBooks são feitos para iPhones, contra apenas 28% antes do lançamento. A Amazon também tem notado este crescimento: entre os novos consumidores que utilizam o Kindle ou o aplicativo do Kindle para o celular, o último é o segmento de mercado que mais cresce.

Segundo a União Internacional de Telecomunicações¹¹, o número de celulares em uso no mundo passou de 7 bilhões, um pouco menos que a população mundial: 7,2 bilhões em 2015. Em 2000, o número era de 738 milhões. O relatório também mostrou que hoje 3,2 milhões de pessoas no mundo têm acesso à Internet, e a tecnologia 3G chega agora a 69% da população mundial, sendo a maioria em países em desenvolvimento.

Com o acesso cada vez maior a celulares nesses países, a ONU publicou um estudo sobre leitura em aparelhos móveis em sete nações da África e Ásia. Publicado em 2014, *Reading in the Mobile Era* teve o objetivo de responder algumas questões sobre o perfil dos leitores de celular e por que leem no aparelho. As descobertas foram muito interessantes: a leitura no celular possibilita o letramento, principalmente para grupos marginalizados como mulheres e meninas e outros que não têm acesso ao livro impresso; pais utilizam o celular para lerem para seus filhos, contribuindo para o letramento das futuras gerações; a maioria dos usuários é de jovens; há certa demanda por narrativas originais e em língua local para esses países. Nesses locais, onde o livro impresso é escasso, porém celulares são abundantes, ler em aparelhos móveis surge não apenas como uma opção, mas sim como a única forma de ter contato com o texto e a literatura.

Tecnologia e cultura letrada

A invenção da escrita foi fundamental para a formação da sociedade, possibilitando uma tradição letrada no mundo ocidental. Dedicando-se ao estudo da Grécia antiga, Havelock (1996) estudou como a introdução da escrita alfabética, uma nova mídia, alterou a organização e expressão do pensamento grego. Ele defende a tese

¹⁰ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2014/04/1445679-tendencia-de-celulares-gigantes-se-mantem-e-pode-levar-a-iphone-maior.shtml>. Acesso em 24 de abril de 2017.

¹¹ Disponível em <http://www.ebc.com.br/tecnologia/2015/05/uit-diz-que-numero-de-celulares-no-mundo-passou-dos-7-bilhoes-em-2015>. Acesso em 24 de abril de 2017.

de que todo avanço tecnológico determina uma mudança no campo das mentalidades. Segundo o pensador, a escrita alfabética, por exemplo, possibilitou a passagem de um universo narrativo para um universo abstrato, uma forma de pensamento mais “racional”.

Seu pensamento refletiu no trabalho de McLuhan (1977), que concluiu que todo meio de comunicação modifica a psicologia e a forma de organização social das pessoas que o utilizam. Seu conceito foi resumido na frase: “o meio é a mensagem”. Em outra obra (1964), as mídias seriam extensões e complementos do olhar, dos gestos e dos sentidos humanos, mais do que apenas instrumentos e aparatos técnicos. Comparativamente, é fácil perceber como nos tornamos dependentes do celular e do acesso à Internet nos últimos anos. Nesse sentido, o estudioso da Escola de Toronto concluiu que a era eletrônica abalou os fundamentos enraizados na experiência de mundo do homem tipográfico, surgido com a invenção de Gutenberg, na medida em que lhe apresentou um mundo visual, simultâneo e “tribalizado”, muito diferente do mundo “linear” e “racional” criado pela cultura letrada.

Outro canadense, o psicólogo David Olson (1997) cunhou a expressão “mentalidade letrada” para resumir as mudanças que as práticas de leitura e da escrita provocaram no modo como pensamos o mundo. Walter Ong (1998), aluno de McLuhan, estabeleceu uma distinção entre “oralidade primária” e “oralidade secundária”. A primeira refere-se à oralidade de culturas intocadas pelo letramento; a segunda, à cultura de alta tecnologia, em que a oralidade é sustentada pelo telefone, rádio, televisão e, atualmente, pelos *smartphones*. O antropólogo Jack Goody (1988) salientou que a cultura oral tende à “amnésia estrutural”, ou seja, o esquecimento do passado. Por outro lado, os registros escritos impediriam este tipo de esquecimento, estimulando uma consciência da diferença entre passado e presente.

Pesando no futuro, Flusser (2010) defende que a escrita será substituída pelo código binário, não linear das novas tecnologias, fazendo também com que a história desapareça, pois a seu ver a escrita é inseparável de uma “consciência histórica”, o que seria perceptível até em sua forma, alinhada e contínua, vindo de um passado e apontando para o futuro. Assim, a própria ideia de futuro passa a ser questionada. Isso significaria, em última instância, o retorno à fase “pré-histórica” do predomínio das imagens.

Diversas formas de ler

Se no mundo moderno a escrita sofre mudanças, pode-se dizer que a leitura também esteja em fase de transição, principalmente no meio digital. Muito se argumentou que o hipertexto teria rompido o paradigma de passividade da leitura, porém ler nunca foi um ato passivo. Segundo Chartier (1999), a leitura é sempre apropriação, invenção e produção de significados. O texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que o seu autor ou editor lhe atribui. O leitor teria a liberdade de deslocar ou subverter aquilo que o texto lhe pretende impor. No entanto, essa liberdade leitora não é absoluta. É cercada de limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos de uma época que caracterizam as diferentes práticas de leitura. Tais práticas envolvem não apenas os suportes, mas possuem também uma dimensão corporal.

Os gestos mudam segundo tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códice medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre corpo e livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão. (CHARTIER, 1999, p. 77)

Por isso, para o historiador francês, “a forma do objeto escrito dirige sempre o sentido que os leitores podem dar àquilo que leem” (1999, p. 128). Ler um texto impresso é uma experiência diferente da leitura do texto eletrônico. Quando lemos em livros impressos, em *e-readers* e em celulares, podemos imaginar que se tratam de diferentes leituras: “a revolução do texto eletrônico é, de fato, ao mesmo tempo, uma revolução da técnica de produção dos textos, uma revolução do suporte do escrito e uma revolução das práticas de leitura.” (2001, p. 113).

De fato, as práticas de leituras variam ao longo da história. Entre outros estudiosos da história do livro, é comum a crença de que na Antiguidade, gregos e romanos liam em voz alta quase de modo exclusivo. A leitura silenciosa, que era realizada apenas por poucos intelectuais nessa época, só teria se tornado prática usual após inovações de texto como a divisão por palavras e a pontuação. McCutcheon (2015), porém, defende que a leitura silenciosa coexistia com a leitura em voz alta e é crítico a certa noção de “evolução” dos suportes do livro.

O autor também observa que a nova cultura textual e literária que a revolução digital inaugura pode encontrar eco na antiga cultura do pergaminho, especialmente a

forma como negociavam e interagiam com uma forma de texto menos estável. Os leitores antigos estavam acostumados a olhar o texto não como um produto autônomo e estético de seus autores, como são considerados na cultura impressa, mas como pontos iniciais de um projeto maior de exegese. A comparação de práticas sociológicas de leitura na antiguidade clássica e nos dias atuais merece, para o autor canadense, investigação posterior.

Vandendorpe (2009) analisou textos digitais através das lentes do antigo rolo. Ele alerta para o retorno da “opacidade” dos rolos em papiro quando percorremos textos digitais verticalmente; e ainda acredita que a arquitetura do rolo restringe a autonomia dos leitores e os obriga a ler linearmente os textos.

A perspectiva do leitor

Segundo Pawley (2002), o campo de estudos em história do livro tem mudado o foco de atenção do texto para os leitores e a necessidade de se explorar não apenas o leitor ideal, mas também práticas de leitura em comunidades de leitores. Chartier e Cavallo (1998) assinalam que é tarefa dos historiadores “reconstituir, em suas diferenças e em suas singularidades, as diversas maneiras de ler que caracterizaram as sociedades desde a Antiguidade” (Cavallo; Chartier; 1998, p.6).

Nesse sentido, o artigo “Lendo no celular (pela primeira vez)” de um colunista do site Colofão¹², especializado em livros digitais, parece ilustrar este fenômeno. Josué de Oliveira, assistente de edições digitais da editora Intrínseca, conta que em seu trabalho precisa testar um livro digital em diversas plataformas. Nenhum livro é liberado para venda sem passar por esse processo. Ele pondera que “o ambiente de leitura não é apenas um espaço neutro onde o e-book é aberto, mas um componente importante que influencia a leitura em si”.

Josué continua dizendo que até então lia livros digitais somente em uma plataforma: um *e-reader* da Kobo com luz adaptada e tecnologia *e-ink*. Resolveu optar pelo celular motivado pela matéria do *The Wall Street Journal*, citada anteriormente e bastante popular no mercado editorial. Escolheu o livro *A maçã envenenada*, de Michel Laub (editora Companhia das Letras) para ser lido no aplicativo Kobo para celular.

¹² Disponível em <http://colofao.com.br/1291/lendo-no-celular-pela-primeira-vez/> Acesso em 4 de abril de 2017.

Expectativa: cansaço. Uma coisa era testar a aparência geral de um e-book naquela tela pequena, outra coisa lê-lo de cabo a rabo. Achava que a vista ia cansar, acostumado que estava com a tela cinzenta do *e-reader*.

Realidade: “Rapaz, não é que isso aqui é bem confortável?”

Ele ainda diz que achava que o tamanho da tela fosse um problema, mas apenas a leitura lhe pareceu um pouco “contida”, mas não chegou a ser um incômodo. A rapidez da leitura também foi enfatizada em comparação a outro livro do mesmo autor lido em um *e-reader*: “Lembro que cheguei ao final numa espécie de susto: Caramba, já acabou?”. Para ele, uma grande vantagem é a conveniência. O celular está sempre com ele, já o *e-reader* não.

Ler no *e-reader* é mais confortável, mas envolve abrir a mochila, tirá-lo da capa, guardar a capa de volta na mochila, ligá-lo e então começar. Leio principalmente no trânsito; realizar esses movimentos simples num ônibus lotado não é das operações mais fáceis. O celular está no bolso, mais ao alcance. Muito da leitura foi realizada de pé, espremido entre outras pessoas. Nesse cenário, é bom ter o livro o mais próximo das mãos quanto possível.

O relato do Josué parece confirmar algumas suposições sobre a leitura em celular: rapidez, facilidade, conveniência, ler apenas com uma mão. Que outros diferentes leitores podem dizer da experiência? Que sentido esse leitores podem dar a este suporte e ao texto lido? Reconhecer a perspectiva dos leitores na leitura digital parece ser um caminho fundamental para compreender as práticas de leitura contemporâneas.

REFERÊNCIAS

BRIGGS, A; BURKE, P. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CARR, N. **A geração superficial**: o que a Internet está fazendo com nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP e Imprensa Oficial SP, 1998.

_____, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

_____, R; CAVALLO, G. **História da leitura no mundo ocidental**. Vol.1. São Paulo: Ed. Ática, 1998.

-
- FISCHER, S. R. *História da leitura*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- FLUSSER, Vilém. **A escrita: há futuro para a escrita?** São Paulo: Annablume, 2010.
- GOODY, Jack. **Domesticação do pensamento selvagem**. Portugal: Editorial Presença, 1988.
- HAVELOCK, Erik. **A musa aprende a escrever: reflexões sobre a oralidade e a literacia da Antiguidade ao presente**. Portugal: Gradva, 1996.
- LYONS, M. **Livro: uma história viva**. São Paulo: Editora Senac, 2011.
- MCCUTCHEON, R. W. Silent Reading in Antiquity and the Future History of the Book. In: **Book History**. Volume 18 (2015): pp.1-32.
- McLUHAN, M. **A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**. São Paulo: Ed. Nacional, 1977.
- _____, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.
- PAWLEY, C. Seeking ‘Significance’: Actual Readers, Specific Reading Communities. In **Book History**. Volume 5 (2002): 143-160
- OLSON, D. R. **O mundo no papel: implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita**. São Paulo: Ática, 1997.
- ONG, W. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Campinas: Papyrus, 1998.
- VANDENDORPE, C. **From papyrus to hypertext: Toward the universal digital library**. University of Illinois Press, 2009.